

O ensino dos esportes não convencionais na escola sob uma perspectiva docente: um estudo de caso

The teaching of unconventional sports at school from a teaching perspective: a case study

La enseñanza de los deportes no convencionales en la escuela desde la perspectiva didáctica: un estudio de caso

Recebido: 10/06/2023 | Revisado: 17/06/2023 | Aceitado: 18/06/2023 | Publicado: 22/06/2023

Alisson Vieira Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0726-969X>

Universidade Federal do Amapá, Brasil

E-mail: alisson@unifap.br

Marcela Fabiani Silva Dias

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5205-077X>

Grupo Madre Tereza, Brasil

E-mail: marceladiazunifap@gmail.com

Resumo

Como objetivo o estudo se propôs a investigar a percepção de docentes sobre os esportes não convencionais nacionais em uma escola de Macapá-AP. No aspecto metodológico a pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso de abordagem qualitativa. Organizaram-se as etapas da pesquisa em três momentos: assinatura do TCLE pelos docentes, assinatura do Termo de Anuência pela coordenação e a coleta de dados com os docentes. Selecionaram-se sete modalidades esportivas para a pesquisa de campo e a amostra foi composta por dois professores da etapa do Ensino Médio que responderam um questionário que versava sobre os esportes não convencionais brasileiros. Os resultados revelaram que os docentes conhecem alguns esportes criados no Brasil, mas ainda conhecem pouco sobre as sete modalidades selecionadas na pesquisa. O ensino dos esportes não convencionais na escola é uma possibilidade concreta, considerando que alguns esportes podem ser realizados em espaços pequenos, com materiais que podem ser confeccionados pelos professores e alguns possuem gestos técnicos de fácil execução. Assim, o estudo conclui que ensino dos esportes não convencionais na escola ainda é uma temática em expansão o que torna necessária a realização de mais estudos dentro do ambiente educacional.

Palavras-chave: Esportes não convencionais; Educação física; Escola; Ensino.

Abstract

The objective of the study was to investigate the perception of teachers about non-conventional national sports in a school in Macapá-AP. In the methodological aspect, the research was characterized as a case study with a qualitative approach. The research steps were organized in three moments: signature of the TCLE by the professors, signature of the Term of Consent by the coordination and data collection with the professors. Seven sports were selected for the field research and the sample consisted of two high school teachers who answered a questionnaire about unconventional Brazilian sports. The results revealed that the professors know some sports created in Brazil, but still know little about the seven modalities selected in the research. The teaching of unconventional sports at school is a concrete possibility, considering that some sports can be performed in small spaces, with materials that can be made by teachers and some have technical gestures that are easy to perform. Thus, the study concludes that teaching non-conventional sports at school is still an expanding theme, which makes it necessary to carry out more studies within the educational environment.

Keywords: Unconventional sports; Physical education; School; Teaching.

Resumen

El objetivo del estudio fue investigar la percepción de los profesores sobre los deportes nacionales no convencionales en una escuela de Macapá-AP. En el aspecto metodológico, la investigación se caracterizó por ser un estudio de caso con enfoque cualitativo. Las etapas de la investigación se organizaron en tres momentos: firma del TCLE por los profesores, firma del Término de Consentimiento por la coordinación y recolección de datos con los profesores. Siete deportes fueron seleccionados para la investigación de campo y la muestra estuvo compuesta por dos profesores de secundaria que respondieron un cuestionario sobre deportes brasileños no convencionales. Los resultados revelaron que los profesores conocen algunos deportes creados en Brasil, pero aún saben poco sobre las siete modalidades seleccionadas en la investigación. La enseñanza de deportes no convencionales en la escuela es una posibilidad

concreta, considerando que algunos deportes se pueden realizar en espacios pequeños, con materiales que pueden ser elaborados por los profesores y algunos tienen gestos técnicos que son fáciles de realizar. Así, el estudio concluye que la enseñanza de deportes no convencionales en la escuela sigue siendo un tema en expansión, lo que hace necesario realizar más estudios dentro del ámbito educativo.

Palabras clave: Deportes no convencionales; Educación Física; Escuela; Enseñando.

1. Introdução

No Brasil o esporte começa a se tornar indispensável nas escolas no período conhecido como pós-guerra (Coletivo de Autores, 1992). Devido a uma forte influenciado Regime Militar, da década de 60, o esporte passa a ser importante nas escolas como uma ferramenta do governo (Darido, 2003). No qual, se fundamentava na busca de corpos fortes, saudáveis e habilidosos, o grande exemplo disso são os mega eventos esportivos, por exemplo, de 1964 à 1985, ocorreram eventos esportivos grandiosos, como as Copas do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos (Barroso & Darido, 2006).

Na escola, são trabalhadas diversas disciplinas, dentre elas a Educação Física, área do conhecimento humano ligada às práticas corporais e que são designadas como conjuntos de atividades e exercícios físicos não competitivos, em que as variadas formas de esportes complementam o seu ensino (Alves & Rocha, 2021).

Da mesma forma, Gozi e Moraes (2018) defendem que as aulas precisam ser interativas, diversificadas e criativas de modo que estimulem a participação dos alunos.

Os esportes alternativos ou não tradicionais podem servir como ferramenta para que o professor inove em suas aulas, proporcionando novos aprendizados e vivências para seus alunos, é o que afirma Finco e Maciel (2020) em sua pesquisa, na qual concluíram que o uso de modalidades como o Kabaddi, possibilitou novos conhecimentos, novas referências culturais e contribuiu para o desenvolvimento cognitivo, físico e social dos estudantes.

Para tal, compreende-se ser indispensável refletir estratégias eficazes, que possibilitem essa inserção levando em conta a realidade local, realizando as adaptações necessárias, uma vez que toda ação metodológica exige planejamento e cuidado (Finco & Maciel, 2020).

A existência de um estudo que descreva a presença de esportes não tradicionais no meio escolar contribui para o entendimento de como os professores têm organizado suas ações dentro deste ambiente, além de proporcionar um panorama geral sobre a oferta destas atividades para os alunos nas escolas da cidade de Macapá.

Outro dado importante sobre a oferta destes esportes nas aulas é sobre os poucos profissionais que atuam com estas modalidades a nível nacional e local e que precisam de suporte na formação continuada para a implementação de atividades diversificadas em suas aulas e que sejam prazerosas aos alunos (Alves & Rocha, 2021).

Neste contexto, apresentam-se os esportes não tradicionais para serem trabalhados nas aulas, que empregam valores e se adequam ao meio sócio econômico.

O presente trabalho pretende justificar a importância da inserção destes esportes nas aulas como um instrumento que pode diversificar e incluir crianças e jovens à prática da atividade física, incentivando a prática de uma modalidade com baixos custos em Macapá.

Pretende-se, assim, trazer subsídios que permitirão o entendimento e a compreensão das discussões relacionadas à inclusão dos esportes não tradicionais nas aulas como uma ferramenta de trabalho para o professor.

Neste contexto, o esporte surge como um instrumento de auxílio no processo de desenvolvimento educacional e social do ser humano. Muitas crianças e jovens são carentes de valores éticos e morais e encontram no esporte incentivo a essas conquistas aliadas a sentimento de cooperação e amizade, contribuindo com o desenvolvimento humano, social e esportivo, a prática esportiva pode contribuir para a redução de índices de criminalidade, transformação social e melhoramento da qualidade de vida.

Para uma busca de denominação das modalidades esportivas que não sejam aquelas tradicionalmente abrangidas em sala de aula, Tomita e Canan (2019) enfatizaram algumas expressões, como: complementares, alternativas, clássicas, novas, não convencionais, pouco conhecidas, diferentes e não tradicionais. Os autores chegam à conclusão de que há diversos termos/expressões que outros autores utilizam para definir o conjunto de modalidades não tradicionais.

Silva e Veronez (2015) afirmam que há diversas formas para se trabalhar os esportes não tradicionais, por exemplo: a preocupação em proporcionar ao ser discente possibilidades de mudanças, como de postura e conduta; as imitações dos professores para trabalharem com os esportes não convencionais; incentivando a prática; como alternativa educacional.

Para Costa e Nascimento (2006) há dois tipos de esportes que são utilizados como conteúdo escolar: os esportes convencionais (futebol, voleibol, outros) e os não convencionais (Beach Tênis, Beach Soccer, outros).

Diante do exposto, destaca-se que a inserção dos esportes não convencionais no ambiente escolar, servirá para aumentar as opções esportivas a serem oferecidas pelos professores em suas aulas (Fermino & Fermino, 2018).

Esta pesquisa é importante porque vai apontar alternativas diferentes de esportes que fogem dos modelos tradicionais já estabelecidos, como: futebol, vôlei, basquete e handebol.

Com base nos elementos aqui apresentados, o problema de pesquisa deste estudo é: Por quais meios ocorre à inclusão dos esportes não convencionais nas aulas na cidade de Macapá?

Deste modo, o objetivo do estudo foi investigar a percepção de docentes sobre os esportes não convencionais nacionais em uma escola de Macapá-AP.

2. Metodologia

Realizou-se uma investigação do tipo estudo de caso com abordagem qualitativa (Severino, 2018) de cunho exploratório e descritivo (Andrade, 2014; Marconi & Lakatos, 2017), com informações a respeito do conhecimento docente quanto aos esportes não tradicionais criados no mundo e no Brasil em uma escola pública na cidade de Macapá.

A opção por essa abordagem metodológica se justifica pelo fato de ser uma primeira aproximação com a realidade de docentes com a temática dos esportes não convencionais no Estado do Amapá e pela incipiência do tema como objeto de investigação científica.

A escola lócus da pesquisa localiza-se na área sul da cidade de Macapá, local que apresenta índices de desigualdades sociais acentuados, esta escola foi selecionada dentre tantas outras, tendo em vista sua localização de fácil acesso, assim como, por ter servido como campo de estágio para acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) o que possibilitou o acesso a mesma.

Em diferentes bases de dados, os descritores “esportes não convencionais”, conforme orientação de Pereira *et al* (2018), ainda são poucos, assim como, a identificação de estudos científicos sobre a temática.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), sob o parecer nº 5.941.435, conforme a resolução 510 de 2016 do Ministério da Saúde do Brasil.

Para participação no estudo, os docentes deveriam ter experiência de pelos menos um ano com o campo da Educação Física; ministrar aulas na etapa do Ensino Médio e ter ministrado durante suas aulas conteúdos relacionados às modalidades não tradicionais.

A coleta de dados se deu em três momentos: assinatura do termo de anuência pela coordenação da escola; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos docentes e resposta do instrumento de coleta de dados pelos docentes.

A amostra do estudo se caracterizou como de acessibilidade e foi composta por dois docentes da disciplina Educação Física.

Para coleta das informações sobre a percepção dos docentes sobre as modalidades não convencionais, foram construídos dois questionários de 5 questões abertas cada um deles que versavam sobre o conhecimento que os docentes possuíam a respeito das modalidades criadas no mundo e as modalidades criadas no Brasil.

Os dados foram analisados de forma qualitativa utilizando a análise de conteúdo de Bardin (2011) em três etapas: categorização, interpretação e informatização (Bardin, 2011).

Na categorização ou organização das categorias de análise (etapa 1), foi identificada uma unidade de registro, codificada da seguinte forma: modalidades esportivas não convencionais brasileiras. Esta unidade de registro trata sobre as regras, fundamentos básicos, características dos esportes, história e o jogo. Na interpretação (etapa 2), a unidade de registro foi interpretada e analisada.

Na etapa final, da informatização (etapa 3) todas as informações foram discutidas a partir do suporte da literatura científica, com base nas orientações propostas por Bardin (2011).

3. Resultados e Discussão

Com base nos dados encontrados no estudo, organizou-se esta sessão em apenas um item que aborda sobre os dados referentes às percepções dos docentes quanto ao conhecimento que os mesmos possuem a respeito dos esportes não convencionais de origem brasileira.

3.1 Modalidades não convencionais brasileiras a partir da percepção docente

Quanto aos esportes não convencionais brasileiros, os docentes revelaram conhecer alguns e já ter trabalhado em suas aulas como: capoeira, beach soccer, futevôlei, entretanto, de acordo com eles, estas modalidades foram trabalhadas de forma superficial, algumas aulas em sala de aula e outras em quadra para que os alunos pudessem ter um contato e conhecimento mínimo sobre elas.

Neste estudo, foram selecionadas sete modalidades esportivas brasileiras para a realização da pesquisa de campo, foram elas: Contrataque, Mirimbol, Oliverbol, Zbol, Sorvebol, Tapembol e Manbol.

Quanto às regras destes esportes, os docentes revelaram não conhecer as regras das modalidades, mas revelaram interesse em continuar aprendendo sobre as mesmas.

A respeito de algumas regras do Contrataque, o mesmo pode ser jogado em uma quadra utilizando dimensões de 18m x 9m, as mesmas utilizadas no voleibol e pode ser feito em quadra, areia, grama etc.

Já o Mirimbol, pode ser jogado em uma quadra ou um espaço de 8m x 4m, com raquetes 2 cm maiores que as utilizadas no tênis de mesa.

A respeito de algumas regras do Oliverbol, destaca-se que este esporte é constituído de 11 regras básicas, dentre as quais se destaca a regra 1 em que o jogo inicia com disputa de par ou ímpar, a equipe vencedora tem o direito de escolha entre atacar ou defender. Caso a equipe escolha atacar a equipe adversária encaminha um jogador para na área de reposição de bola e lança para a equipe que irá atacar na primeira jogada. Já na regra 2, o jogo tem duração de 3 períodos de 10 minutos corridos com intervalos entre os períodos de 3 minutos.

Fú (2021) apresenta as principais regras oficiais do Sorvebol, que conforme a Federação Internacional de Sorvebol (FIS) são: 1) o jogador só pode pegar a bola com o cone; 2) o jogador só pode passar três segundos com a posse da bola; 3) o jogo é disputado em sets de 21 pontos; 4) o set é vencido pela equipe que fizer 21 pontos com dois pontos de diferença; e 5)

em caso de empate, com cada equipe ganhando um set (1x1) ocorre o *tie-break*, onde vence aquele que fizer 15 pontos com dois pontos de diferença.

O Zbol possui uma estrutura de jogo na qual não existe contato direto entre os jogadores adversários, divididos por uma rede ao centro da “quadra” com o objetivo de tocar a bola ao chão adversário e evitar que toque o seu próprio chão.

Oficialmente, o Zbol pode ser jogado em duplas ou individualmente. No formato individual, a quadra possui 14 metros de profundidade por 4 metros de largura; a altura da rede é 1,90m. Uma disputa de par ou ímpar decidirá quem irá iniciar o saque. O saque deve ser dado utilizando-se uma das mãos. A bola deve ultrapassar a rede por cima, sem tocá-la, caso haja toque na rede e caia no campo adversário, o jogador terá direito a somente mais uma tentativa de saque. Se a bola cair na própria quadra não há segunda chance de saque, sendo considerado ponto do adversário (Pinto *et al*, 2018).

Quanto ao Tapembol et al. (2010) destacam que o espaço utilizado para o jogo é uma área retangular, com aproximadamente 40 x 20 metros, que contenha as cinco linhas limítrofes que são as laterais, as de fundo e uma central, além de duas traves de gol. Os autores reforçam ainda que a quadra possui ainda algumas particularidades, que são os pontos de vantagem (são quatro, ficando dois em cada linha lateral da defesa e dois no ataque, o qual é utilizado para cobranças de vantagens e trocas em substituições), a expansão da área (são as laterais esquerda e direita do gol, onde o goleiro atua como jogador, podendo dar até dois toques na bola) e a vantagem de área (cobrança feita por dois jogadores, na área, somente contra o goleiro), que dão características dinâmicas ao jogo (Rocha et al., 2010).

Sobre o Manbol, a quadra possui três zonas e uma área, sendo elas: Zona de jogo; Zona livre; Zona de saque e a Área 2-L, esta última corresponde ao local onde deve ser destinado o primeiro saque, marca também o limite de penetração na quadra que o jogador de posse do saque execute o segundo saque sem ultrapassar a linha da área 2-L (Hildelbrando, 2021).

Quanto aos fundamentos das sete modalidades investigadas o estudo revelou que os participantes confundem alguns gestos motores específicos destes esportes com os de outros esportes com características parecidas.

No Contrataque existem algumas peculiaridades que não se observa também em outros esportes, como as substituições de jogadores que ainda não são realizadas na modalidade, os mesmos jogadores que iniciam uma partida permanecem até o fim dela, outro fundamento deste esporte são as fugas pela zona de fuga que não se observa também em outros esportes.

Quanto ao Mirimbol, este esporte apresenta alguns fundamentos como o movimento de bater na bola de baixo para cima e nunca realizar movimento frontal de cima para baixo, este último movimento é proibido na modalidade, se a bola pegar em outra parte do corpo que não seja a raquete, o jogo pára e a equipe perde o ponto.

Na modalidade Oliverbol, o jogo por ter apenas um elemento de pontuação, as equipes precisam buscar a melhor forma de jogar para que a estratégia da equipe garanta a vitória, em que todos os participantes devem receber a bola antes da finalização.

No Zbol, o jogador pode dar até dois toques alternados com as mãos, direita e esquerda (ou vice-versa), antes de devolver a bola para o campo do oponente por cima da rede, podendo ser utilizado apenas um toque caso o jogador queira. A bola poderá ser rebatida com a cabeça sendo considerado um toque, caso a bola toque as linhas de marcação da quadra será considerado dentro (ponto). Não existe invasão, a bola por cima da rede pode ser tocada pelo adversário (Pinto *et al*, 2018).

O Sorvebol apresenta como fundamentos básicos, alguns semelhantes ao do voleibol, como: saque, passe e recepção. São permitidos até três toques entre os jogadores antes de passar para o time adversário e a diferença é que o jogador estará utilizando um cone e terá até três segundos para passar a bola, não podendo bater na bola e ela deverá ser encaixada no cone (Fú, 2021).

De acordo com Rocha et al. (2010) o Tapembol é um jogo criado no espaço escolar, de forma coletiva, cuja maneira de vivenciar se baseia inicialmente em dar tapas na bola entre os participantes, trocando passes até o objetivo do gol.

O Manbol é denominado esporte da Amazônia, e é o único no mundo que utiliza duas bolas ovais simultâneas durante o jogo. Hoje, é praticado no âmbito do lazer em diversas cidades do Brasil e até em alguns países da América Latina (Hidelbrando, 2021).

A respeito das características que são específicas de cada modalidade estudada, os participantes relataram não conhecer, além de confundirem algumas peculiaridades das modalidades como o drible, o passe a condução de bola, presentes em outros esportes praticados em quadra, isso causou confusão no momento de responder a questão que tratava sobre isso.

No Contrataque uma característica marcante é a não utilização de cartões para punir alguma infração ou atitude de deslealdade do jogador, quando isso ocorre, a equipe que sofreu a infração ganha um ponto, levando vantagem em relação à equipe adversária, já que para ganhar o jogo, a equipe precisa conseguir obter 20 pontos.

Uma característica presente no Mirimbol é a Zona Passiva, que corresponde a uma área do jogo de dimensão de 1,80m próxima à rede e neste local o jogador não pode saltar, nem caracterizar ataque, mas apenas passar a bola para o campo adversário.

Quanto ao Oliverbol, existe o direito ao arremesso por todos os componentes da equipe quando ocorre uma falta dentro da área restritiva, esta característica peculiar ao Oliverbol não está presente em outros esportes praticados em quadra.

Conforme o criador do Zbol, este esporte é o único do mundo que se joga com as duas mãos e duas raquetes ao mesmo tempo, é simples e fácil e segundo ele em menos de 5 minutos as pessoas já conseguem jogar com as “mãozinhas mágicas”, denominação que o mesmo utiliza para caracterizar as luvas utilizadas na modalidade. (Pinto *et al*, 2018).

Em relação ao Sorvebol, algumas características específicas deste esporte são: o atleta não pode utilizar as mãos ou qualquer parte do corpo para passar a bola para a quadra adversária; após três faltas é marcado ponto para o time adversário; Cada jogador pode ficar até três segundos de posse de bola, após o tempo limite é marcada uma falta a favor do time adversário (Fú, 2021).

Uma característica específica do Tapembol é a utilização como lema da participação efetiva de todos os jogadores, o jogo foi intitulado como “um jogo para todos”, devido sua aceitabilidade, inclusão e respeito às diferenças. Quando se diz que é “um jogo para todos” é porque ele também pode ser da criança, do adolescente, do jovem, do adulto e de todos que tenham a vontade de praticar, não importando se é alto, magro, baixo ou gordo ou até mesmo que não tenha adquirido vivências de movimentações em outros esportes (Rocha *et al.*, 2010).

No Manbol algumas características típicas do esporte são as zonas: zona de jogo corresponde a toda a área interna da quadra e área da zona livre, já que é possível realizar as jogadas dentro desta área; zona livre é uma área que circunda a quadra. Ela tem como objetivo garantir ao atleta a realização de jogadas fora da quadra e delimitar um espaço de segurança entre os atletas e qualquer obstáculo externo ao jogo; zona de saque corresponde a uma área de cinco metros de largura, localizada atrás de cada linha de fundo. Seu comprimento se estende por toda a área de zona livre compreendida atrás da linha de fundo. Essa zona só restringe o primeiro saque, após sua concretização, o segundo saque pode ser feito de dentro da área de jogo até o limite da linha 2-L (Hidelbrando, 2021).

Buscamos identificar nos relatos dos docentes, se os mesmos conheciam o ano de criação dos esportes pesquisados, o criador de cada modalidade e a cidade de origem, os mesmos relataram já ter escutado os acadêmicos de Educação Física falar sobre as questões históricas das modalidades em questão, mas que não recordavam as datas e nem o nome do criador delas.

Criados em 2019 e 2021 na cidade de Igarapé-Miri, Estado do Pará, pelo jovem Cristiano Paraguassú, as modalidades esportivas escolares Mirimbol e Contrataque se originaram de brincadeiras realizadas com crianças nas aulas de Educação Física.

Criado em 2018, na cidade de Sorriso, Mato Grosso, pelo professor de Educação Física Ricardo Roberto de Oliveira, a modalidade esportiva escolar Oliverbol se originou de brincadeiras realizadas com crianças nas aulas na combinação de uma bola de futebol de campo com uma cesta semelhante a do basquetebol, objetos principais da modalidade.

Quanto ao Zbol ou Zaccaroball, sua história inicia na praia de Ipanema no Rio de Janeiro por volta da década de 1990, com o professor aposentado Sérgio Plaster Zaccaro.

A história do Sorvebol inicia com o professor Claudio Gomes Mendes, na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais e o nome do esporte surgiu, a partir da alusão ao fato de que ao encaixar a bola sobre o cone o mesmo lembra uma “casquinha de sorvete”. A modalidade possui Slogan: “Sorvebol: de Minas para o mundo” e um fato interessante sobre esta modalidade é que as federações estaduais ainda são virtuais (Fú, 2021).

O Tapembol é uma modalidade esportiva criada no ano de 2007, na cidade de Caeté, Minas Gerais, pelo professor de educação física Marco Aurélio Cândido Rocha, de acordo com seu criador, este esporte iniciou a partir de uma brincadeira denominada “peru de tapa”, que foi se adaptando até assumir as características atuais (Rocha, 2018).

A literatura científica ainda complementa afirmando que o Tapembol é um esporte para todos, considerando suas características inclusivas com gestos técnicos de fácil realização (Costa et al., 2023).

O Manbol foi criado em 1992, nas ruas da cidade de Belém, no Estado do Pará, pelo jovem Rui Hildebrando, a modalidade esportiva Manbol se originou de uma brincadeira simples de crianças que utilizavam mangas, jogadas simultaneamente pelos participantes sem deixar cair no chão. Somente em 2004, a brincadeira de arremessar mangas é reconhecida como esporte, com a criação da Confederação Brasileira de Manbol (CBM) em Belém-PA, entidade idealizada pelo próprio criador da modalidade (Jesus & Jesus, 2022).

Os participantes ainda foram questionados sobre o tempo de realização do jogo de cada uma das sete modalidades pesquisadas, nesta questão os mesmos não conseguiram lembrar, porque de acordo com eles, como estes esportes apresentam características parecidas não foi possível lembrar com exatidão como ocorrem os jogos.

Em uma partida de Contrataque o número de jogadores será de no mínimo 5 e no máximo 8 atletas por equipe, todo o jogo é disputado com 2 bolas. Os atletas escolhem qual equipe inicia o jogo atacando ou defendendo. Em todo ataque deve-se usar a barreira e lançar a bola no momento do salto sobre a barreira. Só é permitido contra atacar após a bola sair da mão do jogador da equipe adversária. Após o ataque o atleta só poderá retornar pelos dois “pontos de fulga” ao lado da barreira.

Quanto ao Mirimbol cada equipe é composta por 2 jogadores e a nível pedagógico pode ser jogado com 3 crianças por equipe. O máximo 3 toques na bola e o mínimo 2, não podendo o mesmo jogador dar dois toques consecutivos. A partida é realizada em 3 sets de 10 pontos e vence a partida a equipe que conseguir ganhar dois sets.

No Oliverbol, o jogo tem duração de 3 períodos de 10 minutos corridos com intervalos entre os períodos de 3 minutos.

O Zbol possui uma estrutura de jogo na qual não existe contato direto entre os jogadores adversários, divididos por uma rede ao centro da “quadra” com o objetivo de tocar a bola ao chão adversário e evitar que toque o seu próprio chão. O saque deve ser dado utilizando-se uma das mãos, com o jogador localizado em qualquer local posicionado atrás da última linha da quadra (Pinto *et al*, 2018).

Já no Sorvebol, os jogadores disputam uma partida parecida com o vôlei, individualmente, em duplas ou em quartetos, com uma bola oficial da modalidade e cones oficiais, em uma quadra de 16x6m e no mínimo de 10x5m, além de uma rede também parecida com a do vôlei (Fú, 2021).

Rocha *et al* (2010) destacam que o tempo destinado ao jogo são vinte e quatro minutos, divididos em dois tempos de doze minutos cada, com um intervalo de dois minutos entre eles, dos quais serão utilizados alternadamente os lados da quadra.

Para Hidelbrando (2021) no Manbol existe um tempo máximo de 2 (dois) segundos de posse da bola. A dinâmica se dá com movimentos diversos de ida e vinda da bola que só termina quando as duas forem definidas em jogo. O tempo será marcado a partir do momento em que a bola estiver sob o domínio do jogador.

Os resultados indicaram que o ensino dos esportes não convencionais na escola é uma possibilidade concreta, considerando que alguns esportes podem ser realizados em espaços pequenos, com materiais que podem ser confeccionados pelos professores e alguns possuem gestos técnicos de fácil execução, características que facilitam a participação dos alunos nas aulas.

Entretanto, conforme Amstel et al. (2021) quando se trata do esporte, seu desenvolvimento e expansão não é tarefa simples, é necessária, sua comercialização através da venda dos materiais esportivos, cursos de capacitação, livros e divulgação, suporte da mídia e de entidades parceiras, sejam elas de natureza pública ou privada.

Melo (2020) ainda destaca que em uma perspectiva de ensinar o esporte na escola, o jovem não deve ser submetido a meros estereótipos de gestos técnicos esportivos que visam o rendimento.

Já Farias *et al* (2019) reforçam que a mudança do sentido e significado do componente Educação Física não tem sido tarefa fácil, percebe-se a necessidade dos docentes estarem sempre dispostos ao repensar, à abertura ao novo, às releituras de suas práticas e ao compartilhamento com seus pares.

4. Conclusão

O estudo revelou pelos relatos dos docentes que os esportes não convencionais tanto mundiais, quanto de origem brasileira ainda são pouco conhecidos no campo escolar, ainda há muito que se avançar na divulgação e disseminação destas modalidades dentro deste ambiente, assim como, de outros ambientes não educacionais.

Os esportes não convencionais apresentaram-se como atividades inclusivas em que a participação dos alunos se dá de forma intensa pelo fácil aprendizado dos fundamentos de acordo com os relatos dos docentes investigados.

Novos estudos precisam ser realizados com as modalidades não convencionais considerando ainda o baixo número de estudos científicos encontrados nas diferentes bases de dados consultadas.

Os docentes revelaram que há interesse dos alunos por temáticas como dos esportes não convencionais, por serem modalidades que não requerem técnicas muito apuradas e habilidades muito refinadas e por ainda serem esportes novos nas aulas de Educação Física na realidade pesquisada.

Ficou evidente a contribuição dos esportes não convencionais para as aulas de Educação Física, instrumentalizando professores a saberes inovadores e diversificados quanto se trata da oferta de atividades a serem ensinadas na escola.

Este estudo traz algumas limitações para sua realização, uma delas foi à baixa participação docente em pesquisas desta natureza, o que impossibilitou a obtenção de uma amostra maior de professores. Outra limitação foi o fato dos esportes não convencionais ainda serem pouco trabalhados pela maioria dos professores da escola pesquisada. E a incipiência de estudos científicos na literatura sobre esta temática, o que suscita a necessidade de realização de novos estudos e pesquisas neste campo para melhor contribuição nas discussões levantadas.

Como trabalhos futuros a sugestão é ampliar este estudo e realizá-lo com mais docentes tanto da educação básica, quando do ensino superior para traçar um paralelo entre o que tem sido ensinado na universidade e como esse conhecimento tem chegado à escola.

Referências

- Alves, P. T. O. & Rocha, L. L. (2021). O skate na educação física escolar: possibilidades colaborativas de aprendizagem. *Ensino em Perspectivas*, 2(03): 1-9.
- Amstel, N. A. V., Bueno, I. A. S. & Marchi Júnior, W. (2021). Políticas públicas e gestão de novos esportes no Brasil: o caso do futsal. *Corpoconsciência*, Cuiabá, MT, 25(03): 168-187.
- Andrade, M. M. (2014). *Introdução à metodologia do trabalho científico*. (10a ed.) Atlas.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70, Personna.
- Barroso, A. L. R. & Darido, S. C. (2006). Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, 1(04): 101-114.
- Coletivo de Autores. (1992). *Metodologia do Ensino da Educação Física*. Cortez.
- Costa, L. C. A. & Nascimento, J. V. (2006). Prática Pedagógica de Professores de Educação Física: Conteúdos e Abordagens Pedagógicas. *Revista da Educação Física/UEM*, 17(02): 161-167.
- Costa, A. V. Dias, M. F. S. & Barbosa, S. S. (2023). Tapembol nas aulas de educação física: de brincadeira a esporte não convencional. *Research, Society and Development*, 12(06): 1-9.
- Darido, S. C. (2003). *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Guanabara Koogan.
- Farias, U. S., Nogueira, V. A., Sousa, C. A. & Maldonado, D.T. (2019). Educação Física escolar no ensino fundamental: o planejamento participativo na organização didático-pedagógica. *Motrivivência*, Florianópolis, 31(58): 01-24.
- Fermino, P. H. D. & Fermino, R. S. (2018). A inclusão do tema esportes alternativos em aulas de Educação Física na rede pública de ensino do estado de São Paulo. *Anais VII Seminário de Metodologia de Ensino da Educação Física*. USP.
- Finco, M. D. & Maciel, J. S. (2020). Kabaddi na escola: conteúdo de ensino para professores de educação física. *Revista Pensar a Prática*, 23(60983): 1-23.
- Fú, H. S. (2021). O ensino do sorvebol nas aulas de Educação Física em tempos de pandemia. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, 7(12): 121206-121220.
- Gozi, P. R. B. & Moraes, J. C. P. (2018). A importância da Educação Física na visão dos alunos de uma escola pública. *Margens – Revista Interdisciplinar*, 19(12): 24-36.
- Hildebrandt, R. (2021). *Manbol: livro de regras*. Belém: Federação Internacional de Manbol.
- Jesus, L. L. & Jesus, L. B. L. (2022). Manbol como iniciação e prática esportiva. *Revista Científica FESA*, 1(17): 64-76.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de metodologia científica*. (8a ed.), Atlas.
- Melo, P. M. T. (2020). *Práticas inclusivas do esporte na escola: uma experiência com o Sorvebol na Escola Municipal Hilda Rabello Matta*. Monografia (Especialização em Residência Docente em Educação Física). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Belo Horizonte.
- Pinto, R. H. M., Nunes, M. V., Jesus, D. C. S., Santos Júnior, C. C. & Zaccaro, S. P. (2018). Zaccarobol/ Zbol: um olhar histórico, técnico e fisiológico da modalidade. *Revista Saúde Física & Mental*, 6(1): 1-14.
- Rocha, M. A. C., Prudente, P. L. G. & Medina, A. C. R. (2010). Tapembol – um jogo para a educação física. *III Congresso Internacional Cotidiano – diálogos sobre diálogos*. Belo Horizonte. 1(1): 1-9.
- Rocha, M. A. C. (2018). *Manual de iniciação*. Ensinando a ensinar: história, ambientação, recreativos, módulos, circuitos, o jogo. 1(1): 1-20.
- Severino, A. J. (2018). *Metodologia do trabalho científico*. (24a ed.). Cortez.
- Silva, L. F. & Veronez, L. F. C. (2015). Obstáculos para o desenvolvimento de esportes alternativos na opinião de professores da cidade de Pelotas, RS. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, 20(207): 1-4.
- Tomita, A. S. F. & Canan, F. (2019). A utilização de modalidades esportivas não tradicionais em aulas de educação física escolar. *Corpoconsciência*, 23(02): 13-25.